

TENDÊNCIAS CULTURAIS: ENTRE O NATURALISMO E AS VANGUARDAS (da I República ao Estado Novo)

Foi um movimento estético que surgiu numa primeira fase em 1911 com a «*Exposição Livre de 1911*» e, fundamentalmente, a partir de 1915.

Caracterizou-se pelo culto da modernidade que dominou a mentalidade contemporânea. Os seus seguidores privilegiavam a novidade relativamente ao estabelecido, a aventura face à segurança.

No movimento modernista estavam associadas a literatura e as artes plásticas. Encontrou nas revistas «*Orpheu*» (1915), «*Portugal Futurista*» (1917) e «*Presença*» (1927-1940) os seus principais expoentes.

Modernismo na Literatura

A I República conheceu duas correntes literárias que foram o «*Integralismo Lusitano*» (tradicionalista, dirigido por António Sardinha) e a «*Seara Nova*» (democrática, dirigida por António Sérgio).

No entanto, o sentimento de inconformismo vem a revelar-se com o aparecimento de um grupo modernista, centrado em novas revistas.

Em 1915, surge o 1º **Grupo Modernista**, iniciado e impulsionado pela revista «*Orpheu*» com Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros.

Este grupo pretendia que a literatura trilhasse os caminhos ousados e originais do resto da Europa, em paralelo com as artes plásticas.

A revista «*Orpheu*» escandalizou o público que se mostrou chocado com as inovações que punham em causa o academismo tradicional. Surgiram apenas 2 números da revista, mas a estética modernista publicou outras revistas como «*Portugal Futurista*», em 1917 (nº único).

Fernando Pessoa destaca-se com a sua criatividade poética que se transmite através do seu desdobramento em várias personagens (heterónimos) dos quais os mais conhecidos são Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro Campos.

O 2º grupo modernista desenvolve-se entre 1927 e 1940 (Ditadura Militar e Estado Novo), em torno da revista «*Presença*». Destacam-se Miguel Torga, José Régio e Aquilino Ribeiro e Ferreira de Castro.

Em alguns escritores, como Ferreira de Castro (prosador), sobressai um estilo novo que trata a vida social do povo, os momentos dolorosos da emigração, os desempregados, a dureza do seu dia-a-dia. Será um precursor do neo-realismo.

O Modernismo nas Artes Plásticas

1ª Geração de Paris - 1911-1919

No início do séc. XX, dominava em Portugal a pintura figurativa que tinha a sua expressão no pintor Malhoa.

A situação alterou-se quando, em 1911 e depois em 1914, vários pintores e escultores portugueses que se encontravam em Paris regressam ao país, fugindo da guerra, trazendo consigo novos valores estéticos. Foi o início do modernismo em Portugal.

Entre outros, vieram de Paris, Dórdio Gomes, Diogo de Macedo, Francisco Franco, Amadeu de Souza-Cardoso, Santa-Rita Pintor, Eduardo Viana. A eles se juntou Almada Negreiros.

Foi no Porto que se assumiu o termo **modernismo** ao intitular-se uma exposição, em 1915, de «*Humoristas e Modernistas*».

Foi a época mais irreverente, ousada e brilhante do modernismo, onde se destacaram Amadeu de Souza-Cardoso e Santa- Rita Pintor.

Amadeu de Souza-Cardoso

Nascido nos arredores de Amarante, parte para Lisboa em 1905 e depois para Paris. Foi influenciado, em Paris, pelos movimentos cubista, abstraccionista e expressionista. Forçado a regressar a Portugal em 1914, devido à 1ª Guerra, tomou contacto com a geração da «*Orpheu*» e do «*Portugal Futurista*».

Expõe, pela primeira vez, em Portugal em 1916, intitulando-se «*impressionista, cubista, futurista e abstraccionista*». As exposições em que participou, com outros pintores, causaram escândalo na época. No manifesto que as acompanhava, Almada Negreiros considerava-as «*as primeiras descobertas de Portugal no século XX.*»

A sua pintura é uma amálgama de tendências. É uma arte de elite, de vanguarda, que recusa o figurativo. Usa cores violentas e formas geométricas (linhas direitas, curvas, rodas, fios, alavancas, mecanismos) e uma mistura de vários materiais que colados nos seus quadros policromados, exprimem a vida moderna.

Santa-Rita Pintor

Introduziu as correntes cubista e futurista em Portugal. «*A Cabeça*» é uma das poucas obras que lhe sobreviveram já que, a seu pedido, quase todos os seus quadros foram destruídos após a sua morte. Esta obra revela uma pintura dinâmica, cheia de força, com linhas curvas que compõem a estrutura da cabeça, procurando dar uma visão intelectualizada e não tradicional da figura humana.

2º Geração de Paris = A Década de 20

Na década de 20, destaca-se a «segunda geração de Paris», designação dada aos artistas que, terminada a guerra, retornam a Paris ou para aí vão pela primeira vez. Partem Dórdio Gomes, Diogo de Macedo, Abel Manta (grande retratista) e Almada Negreiros.

Surge outra geração de pintores como Mário Eloy (expressionista), Sarah Afonso, Carlos Botelho e Júlio Pereira. Foi a época da revista «*Presença*».

As autoridades continuavam a rejeitar os modernistas. Recusada a participação destes artistas na Sociedade Nacional de Belas Artes, outras locais se abriram para a exposição das suas obras: as dos cafés e clubes que frequentavam, transformadas em galerias de arte. Por exemplo, o café de Lisboa, «*A Brasileira*», foi decorado com obras de vários artistas modernistas como Eduardo Viana e Almada Negreiros. Aquele café tornou-se o grande museu de arte moderna de Lisboa, no fim dos anos 20.

Almada Negreiros

Foi pintor, desenhador, romancista, poeta, bailarino, autor de vitrais e tapeçarias.

Nos primeiros anos do século XX, colaborou com Fernando Pessoa na «*Orpheu*» e no «*Portugal Futurista*». Essa foi a sua fase mais irreverente. São dessa época os seus textos de intervenção.

Partiu para Paris em 1920, onde esteve um ano.

De regresso, encontra uma vida intelectual mais débil. Pinta «*Auto-Retrato num Grupo*» para a redecoração do café «*A Brasileira*».

Mais tarde, nas décadas de 30 e 40, durante o Estado Novo, dedica-se à técnica do mural. Vai tornar-se famoso nos anos 40, quando decora as Gares Marítimas de Alcântara. É também o período em que cria os vitrais da Igreja de Nª Senhora de Fátima, em Lisboa.

As suas obras revelam um estilo de vanguarda pós-cubista, marcado por uma rigorosa construção geométrica, grande alegria cromática e força comunicativa.

Versam temas nacionalistas (ao gosto do Estado Novo), relacionados com a vida dos portugueses. Aí encontramos a faina marítima tradicional (varinas, pescadores, barcos), cenas domingueiras de Lisboa, como passeios de barco, varinas e palhaços de feira. Introduce também temas mais modernos como a emigração e a mágoa que deixa nos que ficam e nos que partem.

**As Décadas de 30 e 40: O Estado Novo aproveita o Modernismo.
Aparecimento de formas artísticas discordantes.**

Em 1933, **António Ferro**, jornalista, simpatizante dos modernistas, assumiu a direcção do *Secretariado de Propaganda Nacional* do Estado Novo. A partir de então, os pintores modernos e o modernismo foram utilizados na construção da imagem de «novidade» que o Estado Novo pretendia criar. António Ferro convenceu Salazar que «*a arte, a literatura e a ciência constituem a grande fachada duma nacionalidade...*»

O Modernismo oficializava-se, a partir de então. Nela podemos integrar a pintura de Almada Negreiros, nas décadas de 30 e 40.

No entanto, neste período, destacam-se dois acontecimentos importantes no campo da pintura: a 1ª exposição individual de Maria Helena Vieira da Silva, em Paris; e a exposição, em Lisboa, de um grupo de artistas independentes.

Maria Helena Vieira da Silva - Radicada em Paris, foi uma das maiores pintoras do abstraccionismo, criando uma arte original com valores estéticos não figurativos que procuram captar a paisagem urbana de Lisboa. A sua obra é marcada pelo extremo pormenor de que resulta, em termos de conjunto, pinturas de grande força e dinamismo.

«Os Artistas Modernos Independentes»

Como resposta à oficialização do movimento modernista (o que representava a sua sujeição), o pintor **António Pedro** organizou, em 1936, a exposição dos «Artistas Modernos Independentes» onde se homenageavam os primeiros modernistas.

Enquanto a Exposição do Mundo Português falava de ordem e evocava os heróis do passado, os surrealistas denunciavam os absurdos da situação política que se iniciara com a Guerra Civil de Espanha.

Na década de 40, **António Pedro** vai ser um dos promotores do **grupo surrealista português**, nascido, em grande parte, numa atitude de oposição à «arte oficial» do Estado Novo.

Entre os artistas surrealistas encontramos **António Pedro, António Domingues, Mário Cesariny e Moniz Pereira**.